



O afeto que mobiliza as redes: o possível fechamento do Museu Paraense Emílio Goeldi entre os usuários do Facebook¹

Phillippe Sendas de Paula Fernandes²
Vanja Joice Bispo Santos³

Resumo

Na noite de 31 de agosto de 2017, servidores e colaboradores do sesquicentenário Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG) foram os primeiros a compartilharem nas redes sociais um alerta: em menos de 40 dias, a mais antiga instituição científica da Amazônia fecharia suas portas, consequência dos cortes e contingenciamentos orçamentários que atingiram a área de Ciência, Tecnologia e Inovação (CT&I) do Brasil naquele ano. Nas ruas e nas redes, a mobilização foi imediata e envolveu a sociedade civil, a imprensa e a classe política. O movimento atingiu seu ápice em 17 de setembro de 2017, com mais de dez mil pessoas participando de um abraço simbólico no Museu Emílio Goeldi. Lançando um olhar para a mobilização dos usuários nas redes sociais, este artigo apresenta o resultado de análise de conteúdo quantitativa e qualitativa realizada na página oficial do Museu Goeldi no Facebook, considerando as publicações relacionadas ao possível fechamento da instituição. No mês de setembro de 2017, foram 13 postagens com, pelo menos, 3.726 reações (curtidas ou *emoticons*), 3.073 compartilhamentos, 253 comentários e 337 avaliações com 93 mensagens públicas. Da análise desse material, despontaram aspectos que evidenciam o vínculo afetivo dos usuários do Facebook com o MPEG e a percepção deles a respeito da relevância da instituição na produção de conhecimento sobre e para a região amazônica.

Palavras-chave: Afeto; Mobilização; Redes Sociais; SOS Museu Goeldi; Ciência; Laço Social.

Abstract

On the night of August 31, 2017, servers and collaborators of the sesquicentenary Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG) were the first to share in social networks an alert: in less than 40 days, the oldest scientific institution in the Amazon would close, as a consequence of the budget cuts and contingencies that reached the area of Science, Technology and Innovation of Brazil that year. In the streets and social networks, mobilization was immediate and involved civil society, the press and the political class. The movement reached its apex on September 17, 2017, with ten thousand people participating in a symbolic embrace at the Museu Emílio Goeldi. Observing the mobilization of users in social networks, this article presents the results of quantitative and qualitative content analysis conducted on the official page of the Museu Goeldi on Facebook, considering the publications related to the possible closure of the institution. In September 2017, there were 13 posts with at least 3,726 reactions (likes or *emoticons*), 3,073 shares, 253 comments and 337 evaluations with 93 public messages. From the analysis of this material, aspects emerged that evidenced the affective bond of Facebook users with MPEG and their perception regarding the relevance of the institution in the production of knowledge about and for the Amazon region.

Keywords: Affection; Mobilization; Social Networks; SOS Museu Goeldi; Science: Social Bond.

¹ Artigo apresentado ao Programa Internacional de Formação de Especialistas em Desenvolvimento de Áreas Amazônicas – FIPAM XXVIII, do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, da Universidade Federal do Pará, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Especialista em Comunicação Científica na Amazônia.

² Mestre em Comunicação e Cultura. Bolsista do Programa de Capacitação Institucional do Museu Paraense Emílio Goeldi. E-mail: psendas7@hotmail.com.

³ Mestra em Comunicação e Culturas Contemporâneas. Professora do Programa Internacional de Formação de Especialistas em Desenvolvimento de Áreas Amazônicas (FIPAM/NAEA/UFPA). Coordenadora do Laboratório de Comunicação Multimídia do Museu Paraense Emílio Goeldi. E-mail: joicesantos@museu-goeldi.br.

Na Amazônia, um museu de ciência e de afeto

No ano em que completou 200 anos, a mais antiga instituição científica do Brasil sofreu o seu mais duro golpe: no dia 2 de setembro de 2018, um incêndio devastou grande parte dos 20 milhões de itens que formava o acervo do Museu Nacional do Rio de Janeiro. Em meio à imensurável perda para o país e para o mundo, arderam também nas chamas algumas peças que ajudavam a contar um pouco da história de outra instituição de pesquisa, fundada há 152 anos na Amazônia: o Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG), que atualmente é responsável pela salvaguarda de um acervo de 4,5 milhões de itens. Juntos, os dois museus somam mais de 350 anos de uma trajetória atravessada por importantes conquistas e grandes dificuldades.

Valente et al. (2005, p. 184-5) fala sobre o movimento de criação dos museus brasileiros, apontando que as primeiras instituições já possuíam temática científica, inspiradas na natureza do país:

O Museu Nacional do Rio de Janeiro, criado em 1818 e organizado durante um século, foi a primeira instituição brasileira dedicada primordialmente à história natural. O Museu Paraense Emílio Goeldi, em Belém, no Pará, criado em 1866, e o Museu Paulista, conhecido anteriormente como Museu do Ipiranga, criado em São Paulo, em 1894, são exemplos de instituições dedicadas às ciências naturais e consolidadas a partir da segunda metade do século XIX, principalmente a partir das contribuições dos especialistas estrangeiros.

A origem do Museu Paraense Emílio Goeldi data de 6 de outubro de 1866, quando foi fundada uma pequena associação filomática, resultado do empenho de naturalistas, cientistas, intelectuais e políticos com o objetivo de criar um museu natural na região amazônica (SANJAD, 2010, p. 310). A expansão veio com o tempo e, no final do século XIX, a instituição viveu o mais importante processo de organização e consolidação do seu projeto científico – o primeiro do país pensado para a Amazônia –, conduzido pelas mãos do zoólogo suíço Emílio Goeldi. É desse período a construção do Parque Zoobotânico, em Belém, um marco para o fortalecimento do vínculo entre a sociedade e o então Museu Paraense de História Natural e Etnografia.

A criação do zoológico e do jardim botânico, que se tornaram a base científica mais popular da instituição, cumpriu e cumpre papel fundamental na missão do Museu Emílio Goeldi de comunicar conhecimentos sobre e para a Amazônia.⁴ Tem notória contribuição também o fato do Museu Goeldi ter conseguido construir ao longo de seu percurso sesquicentenário uma

⁴ Para saber mais sobre o desafio de consolidar o Museu Emílio Goeldi como principal centro de referência da/sobre Amazônia em meados do século XX, destacando-se a atuação do então diretor Carlos Estevão de Oliveira, ver Figueiredo (2001).

relação bastante afetuosa com a população local – de uma maioria que não faz parte do meio acadêmico-científico.

Criado em 1895, o mais antigo do país no seu gênero, o Parque Zoobotânico do Museu Paraense Emílio Goeldi foi pensado para ser um “templo de bens intelectuais”. Logo após a inauguração, o aumento do número de visitantes garantia as verbas para a sua manutenção. Em 1896, estima-se que 50 mil pessoas tenham visitado o parque, o que correspondia à metade da população da capital paraense (SANJAD et al., 2012).

Considerado, em 2013, pelo Ministério do Turismo como um dos 65 destinos turísticos indutores do desenvolvimento turístico regional no país, a base científica mais popular da instituição ocupa 5,4 hectares de área plantada no centro de Belém, abrigando mais de três mil animais de 100 espécies, um jardim com aproximadamente duas mil árvores, cipós e arbustos de 500 espécies e 14 monumentos e edificações históricas construídas nos séculos XIX e XX – entre elas, o Pavilhão Domingos Soares Ferreira Pena, a Rocinha,⁵ onde são montadas as exposições. Atualmente, cerca de 400 mil pessoas visitam anualmente o zoobotânico, e centenário Aquário Jacques Huber⁶ é um dos espaços mais visitados.

Além do Parque Zoobotânico, o MPEG possui mais três bases: o Campus de Pesquisa, criado em 1980, localizado no bairro da Terra Firme, periferia da capital paraense, onde está concentrada a principal estrutura para as atividades científicas da instituição, incluindo seus laboratórios e coleções;⁷ a Estação Científica Ferreira Penna (ECFPn), fundada em 1993, na Floresta Nacional de Caxiuanã, no sul do Arquipélago do Marajó (PA), e reconhecida pelos estudos de longo prazo sobre o funcionamento da floresta amazônica; e o Campus Avançado do Pantanal, com sede em Cuiabá (MT), que desde 2013 integra a estrutura administrativa do Museu Goeldi, num processo que busca consolidar o futuro Instituto Nacional de Pesquisas do Pantanal (INPP).

⁵ Tavares (2018, p. 12), a partir da definição de “rugosidades espaciais” de Milton Santos, coloca o Museu Emílio Goeldi, representado pela Rocinha, moradia comum no século XVIII, como um objeto espacial que contribui para a construção da memória socioespacial de Belém.

⁶ Construído em 1910 e inaugurado no ano seguinte, o Aquário Jacques Huber é o aquário público mais antigo do Brasil. Reúne um acervo preocupado em valorizar a cultura e o imaginário da Amazônia, abrigando 159 exemplares de 12 famílias de peixes e 38 espécies. Entre elas estão o pirarucu (*Arapaima gigas*), tambaqui (*Colossoma macropomum*), tucunaré (*Cichla ocellaris*), jiboia (*Boa constrictor*) e sucuri (*Eunectes murinus*). Após 13 anos fechado para reformas, foi reinaugurado em outubro de 2017, durante as celebrações de aniversário de 151 anos do Museu Goeldi (REINAUGURAÇÃO..., 2017).

⁷ Ao todo, são 19 coleções científicas principais, divididas em 40 sub-coleções, com mais de 4,5 milhões de itens de diferentes áreas como: arqueologia; etnologia; linguística; biológicas; zoológicas; fósseis; palinologia; solos minerais e rochas; bibliográficas e documentais (OS DESAFIOS..., 2018).

Desde o período de consolidação institucional sob a gestão de Emílio Goeldi, diversas iniciativas preocupadas com a comunicação e a divulgação científica⁸ da instituição foram realizadas. Carvalho (2013, p. 31-2) ressalta a importância do museu, desde a sua criação, na divulgação da ciência por conta das atividades direcionadas ao público e do conteúdo disponibilizado para a imprensa.

As diferentes relações com o Museu Goeldi geram diferentes percepções sobre ele. O pesquisador tem um olhar que possivelmente não será o mesmo do visitante do Parque Zoobotânico, que também poderá não ser igual a visão de um jornalista científico, por exemplo. O ponto comum entre os três talvez seja o contato (direto ou indireto) com uma Amazônia apresentada a partir do conhecimento pensado, produzido, comunicado e divulgado pela instituição.

Com uma reflexão que envolve afeto, memória, mobilização, comunicação e ciência, debruçamo-nos em um dos episódios mais importantes da história recente do Museu Paraense Emílio Goeldi, quando, em setembro de 2017, duas de suas bases científicas correram o risco de terem suas atividades encerradas, resultado dos cortes e contingenciamentos orçamentários que atingiram as instituições federais de ensino e pesquisa do país naquele ano. Nas ruas e nas redes, a mobilização em defesa do Museu Goeldi foi imediata e envolveu a sociedade civil, a imprensa e a classe política. O movimento atingiu seu ápice em 17 de setembro de 2017, com mais de dez mil pessoas participando de um abraço simbólico no MPEG e com a coleta de seis mil assinaturas em um abaixo-assinado solicitando ao Ministério Público Federal a salvaguarda do funcionamento integral da instituição.

Buscando compreender a construção da mobilização dos usuários das redes sociais diante da crise do museu e suas percepções sobre a instituição, levando em conta a questão afetiva como mola propulsora desse movimento, este artigo apresenta o resultado de análise de conteúdo quantitativa e qualitativa realizada na página oficial do Museu Emílio Goeldi no Facebook, considerando as publicações relacionadas ao possível fechamento da instituição. A escolha do Facebook se deu por ser o principal site de rede social do Museu Goeldi, com aproximadamente 25 mil seguidores – seis vezes mais que o Instagram (3.821 seguidores), oito

⁸ Para compreender o que distingue uma da outra, recorremos a Bueno (2010, p. 5): “A comunicação científica visa, basicamente, à disseminação de informações especializadas entre os pares, com o intuito de tornar conhecidos, na comunidade científica, os avanços obtidos (resultados de pesquisas, relatos de experiências etc.) em áreas específicas ou à elaboração de novas teorias ou refinamento das existentes. A divulgação científica cumpre função primordial: democratizar o acesso ao conhecimento científico e estabelecer condições para a chamada alfabetização científica. [...] A divulgação científica busca permitir que pessoas leigas possam entender, ainda que minimamente, o mundo em que vivem e, sobretudo, assimilar as novas descobertas, o progresso científico, com ênfase no processo de educação científica”.

vezes mais que o Twitter (3.001 seguidores) e 55 vezes mais que o YouTube (452 inscritos).⁹ Dada sua relevância, realizamos um mapeamento durante o mês de setembro de 2017, contabilizando 13 postagens com, pelo menos, 3.726 reações (curtidas ou *emoticons*), 3.073 compartilhamentos, 253 comentários e 337 avaliações, o que mostra o impacto e a repercussão da crise na rede social. Para entender as principais percepções dos usuários em relação à instituição, foi analisado o conteúdo de 93 mensagens publicadas junto com as avaliações do Facebook no período delimitado.

Teoricamente, este estudo se estrutura na reflexão proposta por alguns autores como John B. Thompson (2018, 2011), Muniz Sodré (2014), Manuel Castells (2012) e Vera Veiga França (2003), principalmente no que diz respeito às ações de contrapoder na chamada “sociedade em rede” e ao olhar voltado para a comunicação como lugar de constituição de fenômenos sociais. Sobre a análise de redes sociais, foram fundamentais as contribuições de Raquel Recuero (2018), Wesley Pinheiro et al. (2018) e Luís Mauro Sá Martino (2015). Em relação à história dos museus de ciência do país, em especial o Museu Emílio Goeldi, recorreremos aos trabalhos de Nelson Sanjad (2012, 2010), Maria Esther Valente et al. (2005), Aldrin Figueiredo (2001) e Maria das Graças Ferraz (2001).

O zoobotânico e a estação ameaçados: a mobilização que desponta das redes

Em 2017, a crise política e econômica do Brasil intensificou os cortes orçamentários de universidades e instituições de ensino e pesquisa. Com o contingenciamento de 44% que atingiu os órgãos federais, o Museu Paraense Emílio Goeldi não teria condições de dar continuidade às suas atividades até o fim daquele ano. Com o objetivo de buscar apoio da sociedade em defesa do orçamento da instituição, no dia 31 de agosto de 2017, a partir de uma convocação da Associação dos Servidores do Museu Goeldi (ASCON Belém), servidores e colaboradores se reuniram no Campus de Pesquisa para definir estratégias e ações para reverter esse cenário.¹⁰

A reunião debateu a proposta apresentada pela diretoria da instituição que, diante das limitações orçamentárias, fecharia já no mês de outubro duas bases do Museu Emílio Goeldi: o Parque Zoobotânico e a Estação Científica Ferreira Penna. As atividades básicas do Campus de Pesquisa e do Campus Avançado do Pantanal seguiriam funcionando. O encontro também

⁹ Dados atualizados até 14 jan. 2019.

¹⁰ Em 2017, o orçamento do Museu Goeldi aprovado na Lei Orçamentária Anual (LOA) era de 12 milhões e 700 mil reais. Com o contingenciamento de 44%, o orçamento da instituição naquele ano foi reduzido a sete milhões e 100 mil reais (MUSEU..., 2018).

definiu estratégias de mobilização em diferentes frentes (comunicação, científica, política, jurídica etc.). Assim surgiu o movimento SOS Museu Goeldi,¹¹ tendo como uma das primeiras ações uma campanha nas redes sociais,¹² especialmente Facebook e Twitter, fazendo um alerta à população para o risco de fechamento do MPEG. Para Castells (2012), a reprogramação das redes em torno de outros interesses e valores tendo em vista o rompimento das alternâncias predominantes é uma forma de contrapoder:

[...] Os atores da mudança social são capazes de exercer influência decisiva utilizando mecanismos de construção do poder que correspondem às formas e aos processos do poder na sociedade em rede. [...] Elaboram seus projetos compartilhando sua experiência. Subvertem a prática da comunicação tal como usualmente se dá, ocupando o veículo e criando a mensagem. Superam a impotência de seu desespero solitário colocando em rede seu desejo. Lutam contra poderes constituídos identificando as redes que constituem (CASTELLS, 2012, p. 11).

Colocou-se em rede um desejo: a reversão da situação de fragilidade orçamentária do Museu Emílio Goeldi, na tentativa de afastar a possibilidade de seu fechamento. Apesar de a crise na ciência ter sido pautada pelos principais veículos de comunicação do país, certamente, na Amazônia, nenhum outro movimento à época ganhou repercussão tão extensa e imediata, como ocorreu em relação ao MPEG. A partir de postagens em perfis pessoais, sem nenhum caráter oficial, os milhares de compartilhamentos trouxeram à tona um tema que ainda era timidamente abordado pela imprensa, sobretudo, local.

Do ponto de vista da comunicação multimídia, nota-se uma reaproximação do público que participa ou já participou (direta ou indiretamente) das atividades da instituição no “mundo real”, compartilhando suas experiências no “mundo virtual”, como forma de protesto. Não entendamos aqui esses dois mundos como estanques ou contraditórios. Segundo Lévy (2010, p. 5), ambos estão imbricados um ao outro: o virtual é real.

Martino (2015, p. 68) chama o elemento de ligação entre os membros de uma rede social de “laço social”. Esse laço pode ser resultado de diferentes vínculos como os de amizade, trabalho e afetivos de uma maneira geral. A relação histórica da população com o Museu Emílio

¹¹ Ex-bolsista da instituição e um dos articuladores do movimento, Ed Amanajás (apud PRIMEIRA..., 2017) assim define o SOS Museu Goeldi: “O movimento SOS Museu Goeldi é formado por diversas pessoas, surgiu de forma muito espontânea e veloz para se mobilizar em prol do Museu Goeldi. [...] O movimento é pontuado pela expressão de vínculo e amor das pessoas com relação ao Museu Goeldi. E isso sensibilizou os políticos. Os recursos foram descontingenciados para garantir o funcionamento até o final do ano [de 2017]. Mas a ação continua para garantir os próximos anos. No cenário de incerteza que o Brasil se encontra, é preciso que, pelo bem da instituição e das pessoas, o Museu Goeldi possa funcionar plenamente. É nesse sentido que o movimento continua enquanto a instituição não estiver blindada”.

¹² Para Martino (2015, p. 55), “redes sociais podem ser entendidas como um tipo de relação entre seres humanos, pautada pela flexibilidade de sua estrutura e pela dinâmica entre seus participantes. Apesar de relativamente antiga nas ciências humanas, a ideia de rede ganhou mais força quando a tecnologia auxiliou a construção de redes sociais conectadas pela internet, definidas pela interação via mídias digitais”.

Goeldi é um laço social já consolidado, que ultrapassa as redes sociais mediadas pela tecnologia. Convém lembrar que Muniz Sodré (2014, p. 293) afirma que a comunicação trabalha em três níveis operativos: relacional, vinculativo e metacrítico. É interessante pensarmos esse episódio envolvendo o Museu Goeldi a partir do nível relacional, por se referir às questões midiáticas baseadas no paradigma informacional/tecnológico, mas, principalmente a partir do nível vinculativo, que vai além dos dispositivos midiáticos e inclui formas alternativas de comunicação e sociabilidade. A memória e o afeto construídos em torno do Museu Goeldi é uma das formas de comunicação e sociabilidade mais fortes entre a instituição e a sociedade.

Figura 1 Perfis pessoais no Facebook e no Twitter fizeram uma contagem regressiva alertando para o possível fechamento do Museu Emílio Goeldi, gerando milhares de compartilhamentos. Neste exemplo, 2.181 perfis compartilharam a imagem, que ressaltava a importância da instituição para o “conhecimento” e a “memória” da Amazônia.



Fonte: Imagem capturada do Facebook em 5 mai. 2018.

O Museu Paraense Emílio Goeldi é uma instituição inserida numa forma espacial urbana que, segundo perspectiva geográfica apresentada por Saint-Clair Trindade Jr. (2013) a partir de Milton Santos (1985), é tida como uma forma-conteúdo, reflexão fundamental para a construção do conceito de “urbanodiversidade” na Amazônia:

[...] Nessa linha teórico-metodológica, as cidades se apresentam como realidades impregnadas de histórias e que só podem ser compreendidas levando-se em conta os processos sociais que as constituem. Apesar de serem governadas pelo presente, tais formas-conteúdos contêm o passado; isso porque suas existências revelam contornos e finalidades que, para ser explicadas, precisam ser datadas e devidamente contextualizadas no tempo. É dessa maneira que se pode conferir um significado a cada forma espacial (TRINDADE JR., 2013, p. 7).

Esse significado de cada forma espacial também é alvo de diferenciações, que leva a construção de novos mundos, ideia apresentada no estudo de Caiafa (2003). Apesar de compartilharmos de memórias e imaginários consolidados em torno do Museu Goeldi, o possível fechamento da instituição foi capaz de retomar antigos laços afetivos e, ao mesmo tempo, produzir novas subjetividades sobre esse espaço, que é uma referência para a cidade:

Entende-se aqui a subjetividade como produção, sendo o sujeito apenas um momento dos fluxos subjetivos em que esses processos se cristalizam numa identidade pessoal. Mas mesmo o sujeito é um episódio dessa subjetividade processual, que não é nunca resultado, mas constantemente processo. São componentes os mais diversos que entram na produção da subjetividade. Assim, os processos sociais e materiais na cidade – a relação com o espaço construído – são componentes subjetivos também. [...] (CAIAFA, 2003, p. 92).

Não se pode desconsiderar ainda que o capitalismo contemporâneo é ao mesmo tempo financeiro e midiático e, por isso, estaríamos imersos no chamado bios virtual ou bios midiático (SODRÉ, 2014, p. 283-4). Foi por meio da campanha nas redes sociais que a crise orçamentária do Museu Goeldi ganhou notoriedade, alcançando o objetivo principal que era sensibilizar a sociedade, a classe política e a imprensa para os problemas enfrentados pela instituição. Apenas um dia depois que as primeiras postagens repercutiram nas redes sociais, o então presidente Michel Temer anunciou, via Twitter, que garantiria os recursos necessários para o Museu Goeldi continuar suas atividades.

Figura 2 No dia 2 de setembro de 2017, o presidente Michel Temer anunciou em seu perfil oficial no Twitter a garantia de recursos para o funcionamento do Museu Goeldi.



Fonte: Imagem capturada do Twitter em 7 jan. 2019.

O pronunciamento oficial da instituição sobre a crise orçamentária e a repercussão nas redes sociais e na mídia tradicional veio por meio de coletiva de imprensa com o então diretor Nilson Gabas Jr., em 4 de setembro de 2017, no Parque Zoobotânico. Apesar da manifestação do presidente Temer, até o dia da coletiva, o Museu Goeldi não havia recebido os recursos, que só chegariam no dia 15 de setembro. Na ocasião, uma carta à sociedade foi divulgada apresentando as medidas tomadas pela gestão para evitar o fechamento das bases da instituição. No entanto, o documento afirmava que, caso a situação orçamentária não fosse revertida, o Parque Zoobotânico e a Estação Científica Ferreira Penna seriam fechados por tempo indeterminado:

O Diretor do Museu Paraense Emílio Goeldi vem a público comunicar à sociedade belenense, paraense, brasileira e mundial que, caso não seja revertido o atual quadro orçamentário do Museu Goeldi, instituição sesquicentenária de pesquisa e comunicação de ciência, seremos obrigados a, a partir de outubro próximo, fechar duas de nossas bases físicas, o Parque Zoobotânico, o 65º local mais visitado do Brasil (segundo o Ministério do Turismo), e a Estação Científica Ferreira Penna, localizada no Complexo do Marajó, e local aonde são realizadas pesquisas de longo prazo sobre monitoramento e avaliação da biodiversidade amazônica (CARTA ABERTA À SOCIEDADE, 2017).

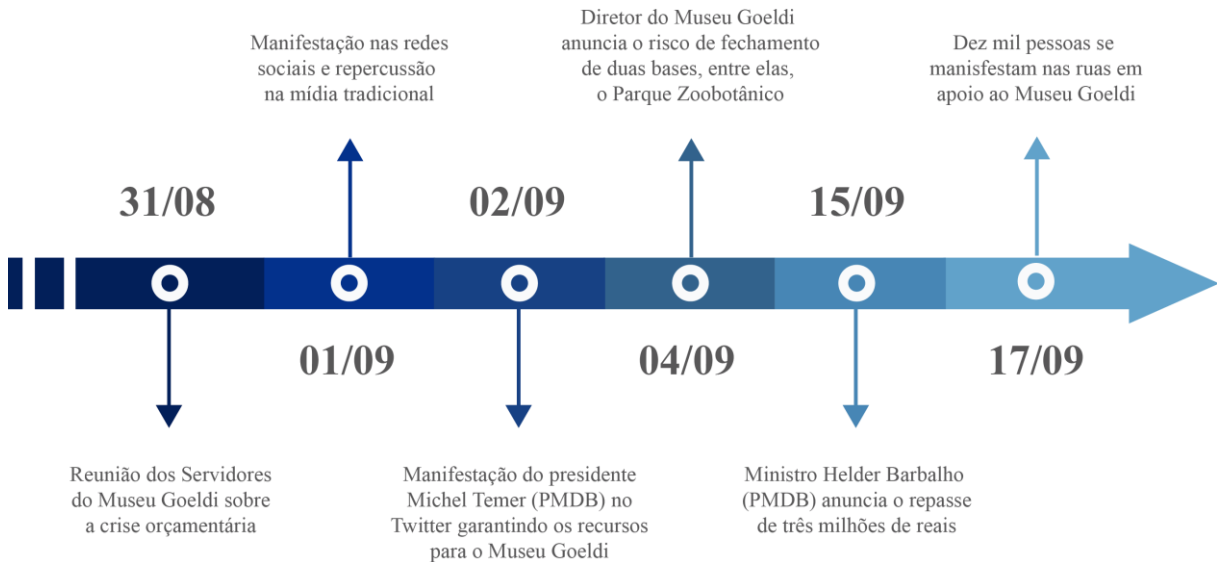
Atualmente, a página oficial do Museu Paraense Emílio Goeldi, no Facebook, conta com cerca de 25 mil seguidores. Todas as postagens são vinculadas ao conteúdo publicado no portal da instituição na internet. Por se tratar de uma rede social no ambiente virtual, que oferece diferentes ferramentas de interação (curtidas, comentários e compartilhamentos), o que Thompson (2018) chama de “interação social on-line”, o Facebook possibilita a geração de maior conteúdo por parte dos usuários. Deve-se mencionar que uma das manifestações mais frequentes realizadas pelos seguidores durante a crise orçamentária foi a avaliação da página do Museu Goeldi com a publicação das memórias vividas no Parque Zoobotânico. Centenas de pessoas postaram manifestando sua indignação e a importância do conhecimento sobre a Amazônia produzido pelo Museu Goeldi, aspectos que serão detalhados a seguir.

Um abraço no Museu Goeldi e a repercussão da crise

Apesar do anúncio do presidente Michel Temer ter ocorrido no dia 2 de setembro, os três milhões de reais que permitiram a continuidade das atividades da instituição só vieram no dia 15 do mesmo mês, quando o então ministro da Integração Nacional, Helder Barbalho, participou de uma breve cerimônia no Parque Zoobotânico, informando à comunidade técnico-científica o repasse do dinheiro. Mesmo com os recursos emergenciais garantidos, o movimento em defesa do Museu Emílio Goeldi atingiu seu ápice no dia 17 de setembro de 2017, o domingo

em que foi realizado o Abraço no Museu Goeldi. O evento foi a grande ação do movimento que, até então, já havia feito uma série de outras atividades, incluindo protestos, saída fotográfica, palhaçaria, oficina de desenho e a coleta de, pelo menos, seis mil assinaturas para uma petição encaminhada ao Ministério Público Federal (MPF).¹³

Figura 3 Linha do tempo com os momentos mais significativos no período entre as primeiras manifestações nas redes sociais e o abraço simbólico realizado em Belém e na Floresta Nacional de Caxiuanã em defesa do Museu Paraense Emílio Goeldi.



Fonte: Elaboração do autor.

Sugerido por uma seguidora do Facebook, o Abraço no Museu Goeldi conseguiu reunir em um manhã de domingo mais de dez mil pessoas, segundo informações do SOS Museu Goeldi. Em Belém, os participantes ficaram concentrados na travessa Nove de Janeiro, lateral do Parque Zoobotânico. Na Floresta Nacional de Caxiuanã, as atividades ocorreram na Estação Científica Ferreira Penna. A programação envolveu diversos coletivos de cultura, a comunidade técnico-científica do MPEG, artistas e a população em geral,¹⁴ culminando com um grande

¹³ A crise financeira do Museu Emílio Goeldi também foi discutida em Sessões Especiais realizadas na Câmara Municipal de Belém, em 15 de setembro, e na Assembleia Legislativa do Estado do Pará, em 18 de setembro. No dia 26 de outubro de 2017, entidades científicas e acadêmicas do Brasil, entre elas o MPEG, participaram de audiência pública com parlamentares da Comissão de Ciência e Tecnologia da Câmara dos Deputados, em Brasília, dentro de uma agenda nacional de mobilização em defesa dos recursos para ciência e tecnologia.

Em 27 de setembro de 2017, dirigentes de 12 grandes museus de história natural do mundo também se manifestaram, por meio de carta, sobre os impactos negativos para a ciência com a crise no Museu Goeldi. As instituições signatárias do documento foram: *Naturalis Biodiversity Center* (Holanda), *Royal Ontario Museum* (Canadá), *Natural History Museum of Los Angeles County* (Estados Unidos), *The Natural History Museum* (Reino Unido), *American Museum of Natural History* (Estados Unidos), *Natural History Museum of Denmark* (Dinamarca), *Smithsonian National Museum of Natural History* (Estados Unidos), *Field Museum of Natural History* (Estados Unidos), *Royal Belgian Institute of Natural Sciences* (Bélgica), *Denver Museum of Nature and Science* (Estados Unidos), *Museum für Naturkunde Berlin*, *Leibniz-Institute for Evolution and Biodiversity* (Alemanha) e *Royal Botanic Gardens Kew* (Reino Unido).

¹⁴ O evento foi promovido pelo movimento SOS Museu Goeldi, Belém Cultura, Instituto Filhos da Terra, Espaço Cultural Valmir Bispo Santos, Projeto Circular, Coletivo Jovem de Meio Ambiente, Belém Tem Disso, Amigos

abraço em torno da instituição, tanto na capital, quanto no Marajó, repetindo o gesto simbólico realizado pela primeira vez quase 30 anos atrás. O evento em Belém também contou com a participação voluntária de artistas, como Fafá de Belém, Victor Fasano, Nilson Chaves, Lucinha Bastos, Marco Monteiro e Andrea Pinheiro. Tamanha mobilização nos leva a refletir sobre a percepção da sociedade em relação ao Museu Goeldi como instituição científica e como Parque Zoológico – abrigo de memórias, principalmente as da infância –, o que nos faz crer que é dessa última percepção que veio o maior apelo em sua defesa.

Ferraz (2001) desenvolveu um estudo sobre o impacto da política de Ciência e Tecnologia do Brasil no Museu Goeldi. É certo que desde a publicação do artigo até a elaboração deste artigo, a instituição passou por reconfigurações, contudo, vale ressaltar uma das considerações feitas pela autora:

A visibilidade desejada para o Museu Goeldi, em termos de participação na vida pública ainda não foi alcançada, especialmente em nível nacional. O Museu Goeldi atingiu grande visibilidade internacional, desde o início do século, provavelmente em decorrência do impulso dado por seu diretor, Emílio Goeldi, e pela equipe de pesquisadores estrangeiros que o seguiram. Regionalmente, o Museu é reconhecido e respeitado na comunidade científica. Entre a população em geral, pode-se dizer que o Museu Paraense Emílio Goeldi desperta uma relação de afetividade, de cumplicidade com o povo do Pará, talvez só explicada pelo tempo de convivência (FERRAZ, 2001, p. 266).

A cobertura dada pela imprensa local foi um fator importante para a consolidação da força e visibilidade do movimento SOS Museu Goeldi. Segundo Wolf (2003, p. 61), os *mass media*, no contexto atual, assumem um núcleo central na produção simbólica, o que lhes atribui a capacidade de desempenhar um papel de construção da realidade. Entretanto, esse ponto de vista só foi possível a partir do momento em que o paradigma informacional da comunicação passou a ser questionado e suplantado, ou seja, esse modelo se mostrou bastante limitado já que os meios de comunicação eram considerados meros transmissores, ou ainda, apenas “esteiras transportadoras de significado” (THOMPSON, 2011, p. 9).

Quéré (1991, p. 6) trata desse tema analisando a substituição do modelo representacionista-informacional por um modelo propriamente comunicacional ou praxiológico, paradigma no qual a comunicação, além de ser tratada como lugar de constituição social de fenômenos, assume o processo de organização de perspectivas compartilhadas e construção conjunta de um espaço público. Baseando-se nesses estudos, França (2003) destaca

de Belém, Kamara Kó, Studio Garden, Fotoativa, Coletivo Viramundo e DISCOSAOLEO. O Abraço também teve o apoio da Associação de Servidores do Museu Goeldi, Servidores do Fisco Estadual do Pará, ProGoeldi, Amigos de Belém, Belém Photos, Estácio FAP, Universidade da Amazônia, Associação de Moradores da Campina, Casando Belém, Coletivo de Comunicação SOS, Coletivo Oceanografia Socioambiental, Vila Toscana, LOC Engenharia e DHL Equipamentos e Toró de Gastronomia Sustentável (PRIMEIRA..., 2017).

os pontos principais do modelo praxiológico ou epistemológico, considerando também a comunicação como prática constituidora da vida social. A linearidade do processo de transmissão de informação perde espaço para o modelo que não se baseia unicamente no caráter instrumental da comunicação, ou seja, “a comunicação deixa de ser um processo recortado e restrito, e é tomada como lugar de constituição dos fenômenos sociais, atividade organizante da subjetividade dos homens e da objetividade do mundo” (FRANÇA, 2003, p. 43).

Nesse exercício de construção conjunta de um espaço público realizado também pela imprensa, pretende-se, futuramente, analisar de que forma a cobertura da mídia impressa local (no caso, os jornais *O Liberal* e *Diário do Pará*) construiu a imagem da instituição, definindo os aspectos que foram mais relevantes para as publicações.

Figura 4 Reportagem publicada no jornal *O Liberal* sobre o Abraço no Museu Goeldi.

6 ■ ATUALIDADES

OLIBERAL

BELEM, SEGUNDA-FEIRA, 18 DE SETEMBRO DE 2017

CIDADES

Museu Goeldi exige mais que sobrevida

“ABRAÇÃO”
Mobilização quer garantir mais recursos para o orçamento de 2018

Centenas de pessoas “abraçaram” o Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG), ontem pela manhã, em Belém. Pesquisadores, bolsistas, ativistas do SOS Museu Goeldi, frequentadores e artistas da terra, entre os quais Fafá Belém, Nilson Chaves e Luciminha Bastos, e, também, o ator e ambientalista Victor Fasano. O corte de 44% feito pelo governo federal no orçamento do Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovação e Comunicações (MCTIC) para 2017 ameaça o funcionamento de instituições estratégicas no país e no Estado, entre as quais o Goeldi, que tem 151 anos de história.

Diretor do Museu, Nilson Gabas disse ontem que o espaço “não pode e não vai fechar”. “A próxima batalha é recompor o orçamento de 2018”, afirmou. Durante a programação, os manifestantes gritaram “Fora Temer”. A programação começou, às 7 horas, com um passeio ciclístico que saiu da Docca, em frente ao Shopping Boulevard, e terminou na travessa 9 de Janeiro, com acompanhamento da Bike Som do Mister Ba-

calhau. Depois, houve danças circulares. Das 9 às 13 horas, houve exposições dos espaços da criança, gourmet e tenda “Eu defendo o Museu Goeldi”. Também houve os shows com artistas locais. No final da programação, houve o “abraço”.

Ed Amanajás, do SOS Museu Goeldi, disse que as manifestações são espontâneas, pois centenas de pessoas estão mobilizadas contra o fechamento da instituição científica. Ainda

segundo ele, bolsistas, profissionais ligados ao Goeldi, pesquisadores e educadores ambientais em centenas de escolas em Belém “ficaram surpresos” com o anúncio, feito há 16 dias, de que o Museu iria fechar. Isso deu início à movimentação espontânea. Ed acrescentou que o Museu faz parte da identidade do paraense.

O cantor Nilson Chaves destacou que o povo do Pará, principalmente o de Belém, sabe da importância do Museu. “O Museu faz parte da nossa vida, faz parte do cotidiano do paraense e de quem visita Belém. Além da sua importância imensa para a cultura”, afirmou. E acrescentou: “Aqui, a gente tem um pouco da história da Amazônia”.

A cantora Fafá de Belém também destacou o significado do “Emílio Goeldi” na vida dos paraenses. “Todos nós fomos criados aqui dentro. É

do jardim da nossa casa. Todo domingo as crianças vinham de todos os lugares, e de diferentes classes sociais, para, no Museu, ver a arara, o urubu-rei, que só tem aqui”, afirmou. “É comprar o carrinho de miriri, completar a cantora Luciminha Bastos, que também participou da manifestação.

Fafá de Belém defendeu que a sociedade paraense se mobiliza para abraçar o Museu “fisicamente, com doações, trazem

do seus filhos para entender de onde viemos e o que nós somos. A nossa história está escrita aqui dentro. É o nosso quintal, é o nosso álbum de fotografias”, afirmou.

O ambientalista Victor Fasano disse que um país que pretende ser um grande país “só pode fazer isso com instituições científicas atuantes”. E acrescentou que é importante conhecer a Amazônia. “Não se pode definir que uma área vai ser usada para a mineração ou agricultura sem que, antes, tenha uma pesquisa científica seja feita para conhecer as espécies botânicas ameaçadas de extinção, as espécies animais, as de peixes. E o Museu representa a Amazônia”, disse. Durante a manifestação, também houve a coleta de assinaturas da petição pública em prol do Museu Goeldi. As apresentações musicais, que incluíram ainda as participações dos cantores Alcyr Guimarães e Malacro Monteiro, ocorreram no palco montado na travessa 9 de Janeiro, que foi fechada para o tráfego de veículos no cruzamento com a avenida Gentil Bittencourt.

“A nossa história está escrita aqui dentro”, disse a cantora Fafá de Belém



De mãos dadas, manifestantes deram um abraço simbólico no prédio do parque zoológico do Museu Goeldi

Fonte: *O Liberal*, 18 set. 2017, p. 6.

Essa abordagem é interessante para auxiliar uma reflexão sobre a função do Museu Goeldi como fonte e espaço de produção e de comunicação do conhecimento científico. Um dos desafios dos museus de ciência é justamente desenvolver estratégias de comunicação que despertem ou mantenham o entusiasmo do visitante e aproxime os grupos excluídos dessas instituições (VALENTE et al., 2005, p. 197). Fundado em meados do século XIX, o Museu Paraense Emílio Goeldi não escapa desse desafio, que se torna ainda maior quando se percebe

que estamos diante de uma instituição fundamental para a aprendizagem não-formal dos aspectos socioculturais e ambientais da região amazônica.

Figura 5 Reportagem publicada no jornal *Diário do Pará* sobre o Abraço no Museu Goeldi.

A2 POLÍTICA
24h de notícias - www.diarionline.com.br

Diário do Pará
SEGUNDA-FEIRA, Belém-PA, 18/09/2017

Movimento promove abraço coletivo ao Museu Emílio Goeldi

Ação reuniu centenas de pesquisadores e visitantes do espaço. Desde a última sexta-feira (15), recursos para funcionamento já estão disponíveis

FOTO: MARCON NUNES



FOTO: MARCON NUNES



PESQUISA
Leidemar Oliveira

Centenas de pesquisadores participaram, na manhã de ontem (17), do ato "Vamos abraçar o Museu" convocado por diversas instituições em defesa do Museu Paraense Emílio Goeldi. Os arredores do parque ficaram lotados de funcionários e frequentadores que compareceram, preocupados com o anúncio de possível fechamento da instituição.

O ato também contou com apresentações culturais e participação de vários artistas da Terra, além do ator Victor Fasano. O movimento iniciou há dois meses depois da direção do Museu anunciar que os recursos disponíveis até aquele momento só dariam para garantir o funcionamento até o fim de agosto.

Pesquisadora do museu há mais de 30 anos, Maria de Lourdes Ruivo lembra que a instituição comanda diversos projetos de pesquisa sobre a sociobiodiversidade da flora, fauna e solo na Amazônia. "Há aqui pesquisas com reconhecimento nacional e até internacional, além de programas de pós-graduação em biotecnologia e uso sustentável dos recursos naturais", diz ela. O ato foi finalizado com um abraço gigantesco em todas as laterais do parque.

RECURSOS
Os R\$ 3 milhões necessários para o pleno funcionamento do Museu Paraense Emílio Goeldi até o fim deste ano já estão na conta da instituição desde anteontem. O ministro da Integração Nacional Helder Barbalho participou de um café da manhã com os servidores do Goeldi, na última sexta-feira (15) e deu a boa notícia. Os recursos foram liberados em tempo recorde pelo Governo Federal a pedido de Helder.

O ministro, ao tomar conhecimento do possível fechamento das atividades do museu, falou com o presidente Michel Temer sobre a situação, visitou a instituição no início deste mês, levantou os dados, levou aos ministérios do Planejamento e da Ciência, Tecnologia e Comunicação e, em menos de 15 dias, os recursos foram depositados.

Para o diretor do museu, Nilson Gabas, a notícia não poderia ter chegado em melhor hora. "Nossa gratidão, minha, dos nossos servidores e certamente da sociedade paraense é gigantesca. Da minha parte, recebo com muita alegria porque, desde o início, não pedi diretamente ao ministro Helder, mas ele veio até nós oferecer essa ajuda, que chegou com bastante agilidade", afirmou. "Agora, também sem nós pedirmos, o ministro Helder já se comprometeu a nos acompanhar em uma nova luta, que é o aumento do orçamento para o exercício de 2018", ressaltou Gabas.

TURISMO
A partir dessa descoberta, o Fórum Landi desenvolveu projeto de reforma de um barracão na área para abrigar o material arqueológico recolhido, usando recursos provenientes de emenda parlamentar do deputado federal Edmilson Rodrigues (foto), no valor de R\$ 340 mil, disponibilizados pelo Iphan. O projeto está em fase de licitação, mas surgiu um impasse: a Embrapa demonstra interesse em ceder o barracão para outro projeto, de incentivo ao turismo. O Fórum avalia que essa iniciativa colocaria em risco as descobertas feitas no sítio e contraria as normas do Iphan.

RISCO
De maneira irresponsável, a Semob decidiu desobstruir o trânsito da travessa 9 de Janeiro no momento em que acontecia a programação do abraço simbólico ao Museu Goeldi, ontem pela manhã. Adultos e muitas crianças participavam de várias atividades na via quando, sem avisar, os agentes da Semob foram embora, liberando o tráfego de veículos. Com isso, colocaram em risco a vida e a integridade das pessoas presentes ao evento. Foi grande a revolta, principalmente entre pais e responsáveis pelas crianças.

CARGAS
Denúncia apresentada no XV Congresso Nacional de Transportadores de Carga, realizado na sexta-feira, em Belém, aponta para o índice de assustador de assaltos a embarcações de cargas nos rios da Amazônia. As quadrilhas visam sempre os valiosos carregamentos de grãos, cujo escoamento ocorre através dos rios da região. O produto do roubo normalmente é direcionado para o Nordeste. Segundo Eduardo Lobato, presidente do Sindicato das Empresas de Navegação do Pará, outro aspecto inquieto os empresários do setor: o crescimento do roubo de combustíveis.

EACÇÃO
Antigamente, os piratas costumavam roubar dezenas de litros. Hoje, a situação atinge números mais preocupantes: no último assalto registrado no rio Amazonas, foram levadas 80 toneladas de óleo diesel de uma embarcação. Boa parte do combustível roubado é vendida nos garimpos clandestinos da região. O presidente do Sindirpa atribui os assaltos a grupos criminosos ligados à facção FDN (Família do Norte), que comandou chacina na penitenciária de Manaus e que controla o tráfico de drogas pelos rios da Amazônia.

LINHA DIRETA
Através de matérias na TV amiga e nos veículos bancados pela falta publicidade oficial, o governo tucano resolveu atacar a greve dos professores estaduais alegando prejuízos para os alunos inscritos no Enem. Tal preocupação, diante do descalabro da educação pública no Pará, soa como piada de mau gosto.

Aparição dos professores, cobrando melhores condições de trabalho e as muitas promessas não cumpridas pelo governo Jatene, visa justamente garantir aos estudantes ensino público de qualidade. Além disso, a precariedade das escolas e o desrespeito com os docentes constituem hoje os principais entraves ao aprendizado.

Fonte: *Diário do Pará*, 18 set. 2017, p. 2.

Museu Goeldi curtido, compartilhado e avaliado: as reações e percepções dos usuários do Facebook diante da crise

A primeira postagem de setembro de 2018 na página oficial do Museu Paraense Emílio Goeldi no Facebook ocorreu no dia 3. Tratava-se da nota da instituição sobre o incêndio do Museu Nacional do Rio de Janeiro. Naquele mês, o Museu Goeldi ainda publicaria mais 20 postagens de variados assuntos que, juntas, alcançariam 124.643 pessoas, com 2.480 reações,

1.494 compartilhamentos, 126 comentários e 14 avaliações.¹⁵ Essas informações servem de parâmetro para que tenhamos noção do que foi o mês de setembro de 2017 para as redes sociais¹⁶ do Museu Goeldi. Considerando o volume de interação e o conteúdo compartilhado, o Facebook¹⁷ foi o principal meio de articulação e mobilização nas redes para impedir o fechamento das duas bases físicas da instituição, registrando números muito maiores que os de 2018: somente as 13 publicações referentes à crise orçamentária, por exemplo, alcançaram 258.869 pessoas.

¹⁵ Dados atualizados até 15 jan. 2019.

¹⁶ Seguimos Recuero et al. (2018, p. 23) quando destaca que: “As chamadas ‘redes sociais’ na Internet são traduções das redes sociais dos espaços off-line dos indivíduos, de suas conexões sociais. No espaço on-line, essas redes sociais são demarcadas não somente pelos rastros deixados pelos atores sociais e pelas suas produções, mas também pelas suas representações”.

¹⁷ Nas palavras de Thompson (2018, p. 21), “o Facebook e os outros SRS [sites de rede social] facilitam uma forma distinta de interação social on-line, criando uma rede em constante expansão de relacionamentos sociais caracterizada por graus variados de familiaridade, fragilidade e pela troca de conteúdo simbólico em múltiplos formatos e modalidades – mensagens, comentários, fotos, vídeos, feeds de notícias etc. – que é disponibilizado para outras pessoas com diversos graus de abertura e limite”.

Figura 6 Infográfico com o total de alcance e compartilhamentos do conteúdo publicado no período de 1 a 30 de setembro de 2017 na página oficial do Museu Goeldi no Facebook sobre o possível fechamento da instituição.



Fonte: Serviço de Comunicação Social do Museu Goeldi e Facebook. Dados atualizados até 7 jan. 2019.

Partindo do pressuposto de que estamos lidando com um site de rede social que funciona como um suporte de relações sociais, conforme destaca Recuero et al. (2018), o movimento iniciado no Facebook em defesa do Museu Emílio Goeldi teve adesão imediata de grande parte da sociedade, envolvendo a classe política e pautando os principais veículos de comunicação da imprensa local. Isso reforça a ideia da contribuição dos sites de rede social na ampliação da esfera pública:

Os sites de rede social, com isso, podem ser compreendidos como elementos ampliadores da esfera pública que proporcionam um espaço onde, além da socialização, os atores podem expressar e reproduzir opiniões políticas e ideias que contribuem para o debate público. A facilidade técnica para produzir e reproduzir mensagens de manifestação e apoio (curtindo ou retuitando, por exemplo) é condizente com um conceito de opinião pública como uma rede de comunicações intermediando múltiplas relações entre sistemas sociais. Essa rede de opiniões e comunicações, contudo, não é necessariamente fática e permeia tanto posições explícitas como arranjos tácitos (RECUERO et al., 2018, p. 35).

No que diz respeito às postagens realizadas no Facebook do Museu Goeldi em setembro de 2017, a de maior repercussão foi a Carta Aberta à Sociedade, assinada pelo diretor Nilson Gabas Júnior. Só essa publicação conseguiu alcançar 143.883 pessoas, com 1.322 reações, 100 comentários e sendo compartilhada 2.017 vezes. O alcance é quase seis vezes maior que o atual número de seguidores da página (25 mil), o que demonstra o nível de envolvimento dos usuários da rede com o tema.

Apesar de não termos a proposta de expandir a análise para o engajamento dos seguidores, levando em conta outras variáveis como curtidas e compartilhamentos, por exemplo, destacamos tensões diversas que emergem em alguns comentários feitos na publicação da Carta Aberta à Sociedade. A indignação é a reação predominante, mas se registra um posicionamento favorável ao fechamento da instituição, numa crítica à manutenção dos animais em cativeiro no Parque Zoobotânico. Noutro comentário, uma usuária protesta o risco de encerramento das atividades das duas bases do Museu Goeldi, mas também questiona o que chama de “bolsistas eternos, familiares de funcionários” que estariam há anos trabalhando na instituição.

Figura 7 Reações de alguns usuários à publicação da carta que explicava a crise orçamentária do Museu Goeldi.



Fonte: Imagem capturada do Facebook em 8 jan. 2019.

Não se pode perder de vista que, se falamos de mídia social como esfera pública, deve-se compreender este espaço como um lugar de disputa de sentidos (RECUERO, 2018, p. 13). Os diferentes sentidos – que não são necessariamente opostos – em relação às percepções dos usuários do Facebook sobre a crise orçamentária do Museu Goeldi despontam quando nos debruçamos em analisar o conteúdo das avaliações realizadas na página da instituição no período de 1 a 30 de setembro de 2017. Apesar de se tratar de um método usual, recorreremos à ferramenta da nuvem de palavras para termos uma visão geral sobre as 93 mensagens publicadas junto às 337 avaliações, numa forma de qualificar os dados levantados, seguindo as orientações de Pinheiro et al. (2018):

[...] Seja na política, no mercado ou na vida social, o desafio que as mídias sociais nos inculcem hoje é o de quantificar mas também qualificar o volume de informações e atores que orbitam esse universo. Para tanto, se no passado o grande desafio era o de teorizar sobre esse ambiente cibercultural e essas novas e sociais mídias, hoje a investida se desloca para contemplar metodologias que consigam, a partir das existentes, apreender esses fenômenos sociomidiáticos capazes de fornecer mais assertividade sobre esses ambientes, suas realidades e relações com atores e plataformas offline (PINHEIRO et al., 2018, p. 387).

Tabela 1 Mapeamento realizado no período de 1 a 30 de setembro de 2017 na página do Museu Emílio Goeldi no Facebook sobre o possível fechamento da instituição.

Publicações na página oficial do Museu Goeldi no Facebook		Data	Pessoas alcançadas	Reações	Compartilhamentos	Comentários
1	Coletiva de imprensa com o diretor do Museu Goeldi sobre o corte orçamentário – Transmissão ao vivo	04/09/2017	18.374	322	191	75
2	Carta aberta à sociedade	04/09/2017	143.883	1.322	2.017	100
3	Mobilização da classe política	05/09/2017	8.835	239	72	21
4	Saída Fotográfica no Museu Goeldi	06/09/2017	5.625	164	72	6
5	Registro da Saída Fotográfica no Museu Goeldi	07/09/2017	6.799	346	64	4
6	Abraço no Museu Emílio Goeldi	15/09/2017	11.352	185	177	10
7	Abraço no Museu Emílio Goeldi – Vídeo 1	16/09/2017	6.027	166	93	10
8	Abraço no Museu Emílio Goeldi – Fotos	17/09/2017	3.549	221	24	7
9	Agradecimentos do Diretor do Museu Goeldi – Vídeo	18/09/2017	3.299	92	32	-
10	Oficina Didática das Cores	20/09/2017	1.143	24	12	1
11	Liberação dos recursos	22/09/2017	7.098	226	62	2
12	Abraço no Museu Emílio Goeldi – Vídeo 2	25/09/2017	12.335	205	152	11
13	Grandes museus internacionais de história natural manifestam apoio ao Museu Goeldi	29/09/2017	30.550	214	105	6

Fonte: Serviço de Comunicação Social do Museu Goeldi e Facebook. Dados atualizados até 7 jan. 2019.

Nas primeiras mensagens compartilhadas no Facebook por servidores e colaboradores do Museu Goeldi fazendo contagem regressiva para o fechamento da instituição, três palavras despontaram como referência: “conhecimento”, “memória” e “Amazônia”. Quando partimos para a análise das avaliações da página no mês de setembro, essas mesmas palavras também estão entre as mais relevantes, ao lado de outras como “lugar”, “pesquisa”, “ciência”, “espaço”, “história” e “cidade”. Percebe-se que todas estão relacionadas entre si e surgem nas dezenas de manifestações referenciando aspectos já consolidados sobre o Museu Emílio Goeldi. Além do caráter científico da instituição, as memórias da infância marcada pelos passeios no Parque Zoobotânico são as mais frequentes.

Figura 8 Mensagens publicadas junto com as avaliações de usuários do Facebook na página do Museu Goeldi, destacando suas relações e memórias com a instituição. Os três abaixo atribuíram valor máximo à página.



Fonte: Imagem capturada do Facebook em 10 mai. 2018.

Atualmente, a página do Museu Goeldi no Facebook, com base na opinião de 837 pessoas, tem 4,7 como nota – numa escala que vai de um a cinco.¹⁹ Das 337 avaliações realizadas no mês de setembro de 2017, apenas um usuário atribuiu a nota três, seis avaliaram com a nota quatro e 330 deram a nota máxima, cinco.

Considerações finais

Depois de quase ter duas de suas bases científicas fechadas pela falta de dinheiro para manter as atividades básicas, o Museu Paraense Emílio Goeldi conseguiu atravessar o ano de 2018 sem grandes atribulações, se comparada à situação do ano anterior. A instituição recebeu recursos complementares, o que fez seu orçamento chegar a 15 milhões e 400 mil reais – o dobro do reduzido valor de pouco mais de sete milhões de reais de 2017. A conquista foi atribuída à grande mobilização da sociedade e da comunidade técnico-científica do Museu Goeldi, que pressionou a classe política de todas as esferas.

Este artigo surgiu com a proposta de compreender a mobilização dos usuários das redes sociais diante da crise do museu e suas percepções sobre a instituição. Para isso, realizamos análise de conteúdo qualitativa e quantitativa na página oficial do Museu Emílio Goeldi no Facebook. Em setembro de 2017, período em que veio à tona a crise orçamentária, a movimentação foi atípica na rede social da instituição: nas 13 postagens do mês, houve 3.726 reações, 3.073 compartilhamentos, 253 comentários e a página recebeu 337 avaliações. O teor das avaliações e das 93 mensagens publicadas no período converge para um contundente apoio dos usuários do Facebook ao Museu Goeldi. Além disso, da análise do volumoso conteúdo de relatos feitos de maneira espontânea na página, despontaram aspectos que evidenciam o vínculo afetivo dos usuários da rede social com o MPEG, aspecto fundamental para a construção do movimento. Registra-se também a percepção do público a respeito da relevância da instituição na produção de conhecimento sobre e para a região amazônica e o protagonismo do Parque Zoobotânico como a principal imagem do Museu Goeldi.

Em um país onde 73% da população acredita que ciência e tecnologia trazem só benefícios ou mais benefícios que malefícios à sociedade,²⁰ estranha-se a pouca adesão aos movimentos em defesa da ciência, principalmente em tempos de cortes de recursos que ameaçam o pleno funcionamento das universidades e instituições de pesquisa. Uma das

¹⁹ Dados atualizados até 16 jan. 2019.

²⁰ Cf. PERCEPÇÃO PÚBLICA DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA 2015 – Ciência e tecnologia no olhar dos brasileiros. Sumário executivo. Brasília: Centro de Gestão e Estudos Estratégicos, 2015.

justificativas para isso talvez esteja na falta de proximidade entre grande parcela da sociedade e os institutos científicos, o que faz despontar ainda mais a importância da divulgação científica para que as pessoas possam reconhecer a relevância da produção do conhecimento para a melhoria do país e de suas próprias vidas.

Na contramão no que diz respeito a adesão da sociedade à maior parte dos movimentos em defesa da ciência, o caso do Museu Paraense Emílio Goeldi gerou tamanha mobilização por alguns fatores como a longevidade na região e a construção e consolidação de um espaço de sociabilidade e de memória da população paraense, o que transformou a ameaça a uma instituição científica localizada na periferia do Brasil, em uma ameaça a uma importante referência para os que vivem na Amazônia. Neste caso, o afeto, a memória e a ciência mobilizaram as pessoas em torno da causa, e a comunicação, potencializada pelas interações mediadas online, foi fundamental para a organização e realização desse processo.

Entre as várias manifestações que despontaram nas redes sociais online, o pertencimento era um aspecto bastante ressaltado. Seja o pertencer a uma cidade da Amazônia que vê no Museu Emílio Goeldi a concretização das principais referências sobre a região. Seja o pertencer ao grupo daqueles que, mesmo vivendo noutros lugares e, até mesmo, sem nem conhecer pessoalmente o museu, são afetados (direta ou indiretamente) pelos temas historicamente discutidos e defendidos pela instituição, como a conservação da biodiversidade, os povos e comunidades tradicionais, a memória e o patrimônio, entre outros. Da mesma forma, quando essas redes de protesto tomaram as ruas para demonstrar seu apoio ao Museu Goeldi, um dos gritos mais frequentes foi “O Museu é nosso!”. E a força da mobilização, resultado dessa relação afetuosa construída há tanto tempo, de laços que se estreitaram ainda mais com a crise, transformou aquele momento de incertezas num dos momentos de maior demonstração de carinho pelo Museu Paraense Emílio Goeldi, uma instituição referência para a ciência, uma instituição referência para a vida de tantas pessoas.

Referências

BUENO, Wilson. Comunicação científica e divulgação científica: aproximações e rupturas conceituais. **Informação & Informação**, Londrina, v. 15, n. esp., p. 1-12, 2010.

CAIAFA, Janice. Comunicação e diferença nas cidades. **Lugar Comum**. Estudos de Mídia, Cultura e Democracia, n. 18, nov. 2002 – jun. 2003.

CARTA ABERTA À SOCIEDADE. Museu Paraense Emílio Goeldi. Belém: 4 set. 2017.

CARVALHO, Vanessa Brasil de. **A ciência na imprensa paraense em 130 anos**: um estudo de três grandes jornais diários. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Universidade Federal

do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia, Belém, 2013.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

DOZE maiores museus de história natural do mundo manifestam apoio ao Museu Goeldi. **Portal Museu Goeldi**. Disponível em: <https://www.museu-goeldi.br/noticias/12-maiores-museus-de-historia-natural-do-mundo-manifestam-apoio-ao-museu-goeldi> Acesso em 8 jan. 2019.

FERRAZ, Maria das Graças. O impacto da política de ciência e tecnologia do Brasil no desempenho de um instituto de pesquisa na Amazônia: o caso do Museu Paraense Emílio Goeldi. In: FAULHABER, Priscila; TOLEDO, Peter Mann (coords.). **Conhecimento e fronteira**: história da ciência na Amazônia. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2001, p. 241-268.

FIGUEIREDO, Aldrin. Parque da cidade, Museu da nação: nacionalismo, modernismo e instituições científicas na Amazônia, 1930-1945. In: FAULHABER, Priscila; TOLEDO, Peter Mann (coords.). **Conhecimento e fronteira**: história da ciência na Amazônia. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2001, p. 181-204.

FRANÇA, Vera Veiga. L. Quéré: dos modelos da comunicação. In: **Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos**. Vol. v, n. 2, dez/2003, p. 37-51.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2010.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria das Mídias Digitais**: linguagens, ambientes, redes. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

MOVIMENTO promove abraço coletivo no Museu Emílio Goeldi. **Diário do Pará**, Belém, 18 set. 2017, p. 2.

MUSEU Goeldi aumenta seu orçamento para 2018. **Portal Museu Goeldi**. Disponível em: <https://www.museu-goeldi.br/noticias/museu-goeldi-aumenta-seu-orcamento-para-2018>. Acesso em 10 jan. 2019.

MUSEU Goeldi exige mais que sobrevida. **O Liberal**, Belém, 18 set. 2017, p. 6.

OS DESAFIOS do Museu Goeldi. **Portal do Museu Goeldi**. Disponível em: <https://www.museu-goeldi.br/noticias/os-desafios-do-museu-goeldi>. Acesso em 11 jan. 2019.

PERCEPÇÃO PÚBLICA DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA 2015 - Ciência e tecnologia no olhar dos brasileiros. Sumário executivo. Brasília: Centro de Gestão e Estudos Estratégicos, 2015.

PINHEIRO, Wesley Moreira; POSTINGUEL, Danilo. Mensuração de audiências e análise de engajamento: uma proposta metodológica a partir das mídias sociais. In: SILVA, Tarcízio; BUCKSTEGGE, Jaqueline; ROGEDO, Pedro (orgs.). **Estudando cultura e comunicação com mídias sociais**. Brasília: IBPAD, 2018, p. 374-390.

PRIMEIRA batalha vencida: recursos garantem 2017. Mas, a guerra continua. **Portal Museu Goeldi**. Disponível em: <https://www.museu-goeldi.br/noticias/primeira-batalha-vencida-recursos-garantem-2017-mas-a-guerra-continua>. Acesso em 10 jan. 2019.

QUÉRÉ, Louis. De um modelo epistemológico da comunicação a um modelo praxiológico. Traduzido por Lúcia Lamounier Sena e Vera Lígia Westin (mimeo). Do original: D'un modèle épistemologique de la communication à un modèle praxéologique. In: **Réseaux**, n. 46/47. Paris: Tekhné, 1991.

RECUERO, Raquel. Estudando discursos em mídia social: uma proposta metodológica. In: SILVA, Tarcízio; BUCKSTEGGE, Jaqueline; ROGEDO, Pedro (orgs.). **Estudando cultura e comunicação com mídias sociais**. Brasília: IBPAD, 2018, p. 13-30.

RECUERO, Raquel; BASTOS, Marco; ZAGO, Gabriela. **Análise de redes para mídia social**. Porto Alegre: Sulina, 2018.

REINAUGURAÇÃO do aquário marca aniversário de 151 anos do Museu Goeldi. **Portal Museu Goeldi**. Disponível em: <https://www.museu-goeldi.br/noticias/reinauguracao-do-aquario-marca-aniversario-de-151-anos-do-museu-goeldi>. Acesso em 12 jan. 2019.

TRINDADE JR, Saint-Clair. Das “cidades na floresta” às “cidades da floresta”: espaço, ambiente e urbanodiversidade na Amazônia brasileira. In: **Papers do NAEA**, Belém, n. 321, p. 1-22, dez. 2013.

SANJAD, Nelson; OREN, David Conway; SILVA JÚNIOR, José de Sousa e; HOOGMOED, Marinus Steven; HIGUCHI, Horácio. Documentos para a história do mais antigo jardim zoológico do Brasil: o Parque Zoobotânico do Museu Goeldi. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 7, n. 1, p. 197-258, jan.– abr. 2012.

SANJAD, Nelson. O Museu Paraense entre o Império e a República, 1866-1907. In: HEIZER, Alda; VIDEIRA, Antonio Augusto. **Ciência, civilização e república nos trópicos**. Rio de Janeiro: Mauad X, Faperj, 2010, p. 305-326.

SANTOS, Milton. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985.

SODRÉ, Muniz. **A ciência do comum: notas para o método comunicacional**. Petrópolis, RJ: 2014.

TAVARES, Maria Goretti da Costa. Turismo, patrimônio e espaço geográfico. In: **e-metropolis**, n. 32, ano 9, p. 6-18, mar. 2018.

THOMPSON, John B. A interação mediada na era digital. **Matrizes**, v. 12, n. 3, p. 17-44, set-dez. 2018.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

VALENTE, M. E., CAZELLI, S. e ALVES, F.: Museus, ciência e educação: novos desafios. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, vol. 12 (suplemento), p. 183-203, 2005.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 2003.

Anexo A – Carta aberta à sociedade assinada pelo então diretor do Museu Paraense Emílio Goeldi, Nilson Gabas Júnior, que explica a crise orçamentária da instituição e o possível fechamento de duas de suas bases.



MINISTÉRIO DA
CIÊNCIA, TECNOLOGIA,
INOVAÇÕES E COMUNICAÇÕES



CARTA ABERTA À SOCIEDADE

O Diretor do Museu Paraense Emílio Goeldi vem a público comunicar à sociedade belenense, paraense, brasileira e mundial que, caso não seja revertido o atual quadro orçamentário do Museu Goeldi, instituição sesquicentenária de pesquisa e comunicação de ciência, seremos obrigados a, a partir de outubro próximo, fechar duas de nossas bases físicas, o Parque Zoobotânico, o 65º local mais visitado do Brasil (segundo o Ministério do Turismo), e a Estação Científica Ferreira Penna, localizada no Complexo do Marajó, e local aonde são realizadas pesquisas de longo prazo sobre monitoramento e avaliação da biodiversidade amazônica.

O Parque Zoobotânico é visitado por aproximadamente 400 mil turistas anualmente, e é um dos principais cartões postais da cidade de Belém. No Parque procuramos, juntamente com uma equipe especializada, não apenas disponibilizar ao público visitante uma amostra do bioma amazônico, mas também promover educação sócio-ambiental baseados nas espécies de nossa fauna e flora, e da população amazônica, incluídos os caboclos, ribeirinhos, povos indígenas e quilombolas.

Estamos às vésperas de inaugurar o Aquário Jacques Huber, o aquário público mais antigo do Brasil, após quase uma década de fechamento por necessidades de reforma e reestruturação. Nele estão abrigadas as mais conhecidas e importantes espécies aquáticas e sub-aquáticas da Amazônia, e é um atrativo especial do Parque Zoobotânico.

No entanto, tendo em vista a situação porque passa o Museu Goeldi em relação aos cortes orçamentários promovidos pelo Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão (MPOG) no ano corrente de 2017, e a atual previsão orçamentária (PLOA) de 2018, é minha obrigação como diretor da instituição pública de pesquisa mais longeva da Amazônia, terceira mais antiga do Brasil, informar ao público que:

1. temos na Lei Orçamentária Anual (LOA) de 2017, um orçamento aprovado de aproximadamente R\$ 12.700.000,00, dos quais tivemos um corte (contingenciamento) de 44%, totalizando um montante de recursos da ordem de R\$ 7.100.000,00 para serem utilizados em 2017;
2. venho, desde 2015, implementando uma política de corte de gastos, sobretudo com despesas de terceirização, e com isso 'economizando' o orçamento do Museu Goeldi para poder fechar tanto o exercício de 2015 quanto de 2016;
3. chegamos, em 2017, com um quadro de despesas, sobretudo de segurança, limpeza e serviços gerais (manutenção dos viveiros, jardineiros, eletricitas, tratadores, etc.), para a manutenção do Museu Goeldi em condições absolutamente mínimas, sobretudo de segurança e atendimento ao público;
4. o Museu Goeldi já utilizou, nos primeiros 8 meses de 2017, cerca de R\$ 5,6 milhões;
5. o total das despesas fixas do Museu Goeldi (incluindo terceirização de serviços de segurança, manutenção e limpeza, energia, telefone, material de consumo, etc.), para os últimos 4 meses do ano de 2017, é de aproximadamente R\$ 3,7 milhões;
6. assim, o Museu encontra-se deficitário em R\$ 3,7 milhões para poder honrar seus contratos atuais sem necessitar novos cortes.



MINISTÉRIO DA
CIÊNCIA, TECNOLOGIA,
INOVAÇÕES E COMUNICAÇÕES



Diante desse contexto, e tendo em vista adicionalmente que o orçamento do Museu Goeldi previsto no PLOA/2018 é de R\$ 8,2 milhões (muito aquém dos R\$ 13 milhões solicitados), solicito o apoio e o entendimento do público para o fato de que, caso não consigamos o descontingenciamento dos recursos de nossa LOA/2017, e conseqüente aumento do orçamento de 2018, terei, com vistas ao cumprimento do que determina a Lei Complementar Nº 101, de 4 de maio de 2000 (Lei de Responsabilidade Fiscal), que promover uma medida amarga e impopular, sem precedentes na história desta instituição, que é determinar o FECHAMENTO do Parque Zoobotânico e da Estação Científica Ferreira Penna, a partir de outubro de 2017, por tempo indeterminado, pois não será possível honrar os compromissos contratuais vigentes e os de 2018 com o orçamento disponível e o previsto.

Obviamente, o eventual fechamento do Parque Zoobotânico e da Estação Científica Ferreira Penna teria repercussão negativa não apenas ao público de visitantes e de pesquisadores, mas afetaria, inclusive, a economia local, pois o segundo semestre, sobretudo o mês de outubro, em que se realiza o maior evento cristão do mundo, o Círio de Nazaré, é de grande movimentação de turistas em Belém.

Peço, assim, que divulguem esta Nota, e auxiliem a sensibilizar os governantes e o meio político para logarmos sucesso na recomposição orçamentária em 2017 e garantia orçamentária em 2018, para que possamos continuar a realizar nossas pesquisas, divulgar conhecimento de excelência, auxiliar tomadores de decisão a realizar boas políticas públicas para a Amazônia, e promover o desenvolvimento de um estado rico em sócio e biodiversidade, habitado por um povo feliz e solidário.

Belém, 04 de setembro de 2017

Nilson Gabas Júnior

Diretor – Museu Paraense Emílio Goeldi

Anexo B – Petição pela manutenção do Museu Paraense Emílio Goeldi encaminhada ao Ministério Público Federal em 15 de setembro de 2017.



O EuConcordo.com foi citado pela Revista Superinteressante ;)

Um abaixo-assinado virtual tem o mesmo efeito dos de papel e caneta? [Leia a resposta na Revista Superinteressante](#) Curtir 8,3 mil

Pela garantia de repasse de verbas públicas para manutenção do Museu Goeldi e unidades de pesquisa vinculadas.

Assinar

Ministério Público Federal,

Ver
assinaturas

CARTA ABERTA AO MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL

Mais informações

O Museu Paraense Emílio Goeldi é uma instituição de pesquisa vinculada ao Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovação e Comunicações do Brasil. Está localizado na cidade de Belém, Estado do Pará, região amazônica. Desde sua fundação, em 1866, suas atividades concentram-se no estudo científico dos sistemas naturais e socioculturais da Amazônia, bem como na divulgação de conhecimentos e acervos relacionados à região.

4622 assinaturas

Curtir 8,3 mil

O Museu Goeldi possui três bases físicas: o Parque Zoológico, o Campus de Pesquisa e a Estação Científica Ferreira Penna (ECFPn), base avançada na

Recomendar 1,7 mil

Floresta Nacional de Caxiuanã, ao sul do Marajó, a 450 quilômetros de Belém.

ACADEMIA DO
GOELDI
PROGRAMA
CULTURAL
MUSEU

NUNCA

PROGRAMOU

www.academiadogoeldi.com.br



Pul
Coi
Diá
Uni

e-E

Criado em 1895, o Parque Zoológico tem 5,4 hectares de área e reúne um expressivo conjunto de monumentos e prédios do século XIX e início do século XX, além de centenas de espécies animais e vegetais. O Parque também abriga o Aquário Jacques Huber, o mais antigo do Brasil (1911); o Pavilhão Domingos Soares Ferreira Penna (1879), conhecido como Rocinha, onde são mantidas exposições temporárias e de longa duração; o Centro de Exposições Eduardo Galvão e a Biblioteca de Ciências Clara Maria Galvão (1899).

As coleções científicas do Museu Goeldi, localizadas no Campus de Pesquisa, somam mais de 4,5 milhões de itens tombados, constituindo-se em uma das mais relevantes fontes de informação para estudos da biodiversidade e das sociedades humanas da Amazônia. Existem 20 coleções nas áreas de botânica, zoologia, arqueologia, etnografia, linguística, paleontologia, minerais e rochas, além de grande acervo bibliográfico e arquivístico. Parte das coleções de arqueologia e etnografia é tombada como Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Mantém desde 1982 uma coordenação de museologia, com o objetivo de desenvolver programas de extensão científico-cultural, divulgando o acervo e as pesquisas feitas no museu por meio de exposições, seminários, cursos e outras atividades educacionais.

Dados e documentos sobre a região estão reunidos no Centro de Documentação e Informação da Amazônia.

A infraestrutura de pesquisa inclui laboratórios associados às coleções científicas e quatro laboratórios institucionais: Unidade de Análises Espaciais, Microscopia Eletrônica de Varredura, Óleos Essenciais, e Biologia Molecular. O Campus de Pesquisa também abriga o Horto Botânico Jacques Huber, destinado à produção de mudas de espécies nativas para arborização urbana e reflorestamento.

A Estação Científica Ferreira Penna (ECFPn) foi inaugurada em 1993. É fruto da cooperação e parceria entre o Museu Goeldi e o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), uma vez que a estação está localizada na Floresta Nacional de Caxiuanã, nos municípios de Melgaço e Portel. Seu objetivo é possibilitar a realização de pesquisas de longo prazo, em ambientes florestais bem conservados, sobretudo investigações biológicas, ecológicas, físico-climáticas e antropológicas. A infraestrutura da ECFPn inclui hospedagem para até 90 pessoas, refeitório, auditório, laboratórios, barcos, torre de coleta de dados meteorológicos (do programa LBA), acesso à internet e telefonia via satélite. Projetos educativos e treinamentos para estudantes e professores também são desenvolvidos em comunidades da Floresta Nacional de Caxiuanã.

Todo o patrimônio do conhecimento criado e mantido no Estado do Pará esta sobre profunda ameaça devido a ingerência do Governo Federal ao realizar corte de repasses de verbas e contingenciamentos orçamentários ao Ministério de Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC), que ao limitar o envio de recursos as subunidades em todo o Brasil, acaba por contingenciar institutos que já sobreviviam com o mínimo de recursos para se manter abertos. Esta realidade afeta diretamente o Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG), a mais antiga Instituição de pesquisa da Amazônia com 151 anos de existência, e um dos Institutos de Pesquisa ligados a esse ministério.

A formação de recursos humanos nacionais e internacionais de altíssima qualidade no exercício da ciência é um dos maiores objetivos do Museu Paraense Emílio Goeldi, atualmente envolvido em diversos programas de Pós-Graduação,

de universidade paraenses, nacionais e internacionais, resultando em dezenas de dissertações de mestrado e teses de doutorado já defendidas ou em andamento. Diversas pesquisas sobre o clima e sobre os conhecimentos ainda a serem desvendados na Amazônia só são possíveis devido a esta instituição, sendo inadmissível o descaso com sua manutenção por parte do poder público. Uma vergonha para o Brasil e para o Mundo termos que recorrer na justiça pela manutenção da coerência com um senso coletivo na sociedade brasileira, resguardado constitucionalmente em nossa carta magna sobre o desenvolvimento da ciência.

Com a atual situação orçamentária do Museu Paraense Emílio Goeldi, corre-se o risco real e imediato de fechamento do Parque Zoobotânico e da Estação Científica Ferreira Penna, já o Campus de Pesquisa tem previsão de fim de atividades em diversos setores. Todos os laboratórios estão parados e sobre risco de mal funcionamento caso não haja manutenção, como o laboratório de análise molecular, que está previsto de encerrar atividades em outubro, o que acarretará prejuízos irrecuperáveis. As atividades de visita pública e as atividades de pesquisa serão interrompidas.

Portanto, pedimos ao Ministério Público que interceda junto ao Governo Federal através do MCTIC a fim de liberar os recursos orçamentários do MPEG, que são fundamentais para a manutenção de todas as suas atividades a curto prazo, e que se garanta estabilidade desta instituição em todos os aspectos que a mantenham em funcionamento a longo prazo, mantendo sua excelência como instituição científica, observando que nossa Nação possui marcos normativos que garantem o desenvolvimento científico e a geração e acesso de conhecimento à sociedade brasileira, sendo estes marcos jurídicos que viemos abaixo assinado exigir que sejam praticados em prol da correta manutenção e funcionamento do Museu Paraense Emílio Goeldi.

Contando com a necessária atuação do Ministério Público Federal,
Abaixo assinamos.
SOS Museu Goeldi

Assinado, Movimento SOS Museu Goeldi - Sociedade paraense e todos que tiveram acesso ao conhecimento através do Museu Goeldi

Faça uma doação HOJE!

Se cada pessoa que acessa o EuConcordo.com doasse apenas R\$ 2,00, nós não precisaríamos fazer este apelo.

O EuConcordo.com é mantido gratuitamente, mas os custos existem. Pedimos que todos façam sua parte e mantenha esta causa VIVA.

Meta do mês

Fazer uma doação

Comentários não funcionam como assinatura, mas sim como um complemento para divulgação da petição.

Assinaturas são consideradas válidas após sua devida

Anexo C – Carta de 12 grandes museus de história natural do mundo em apoio ao Museu Paraense Emílio Goeldi.



Dr. N. Gabas Junior, Diretor
 Museu Paraense Emílio Goeldi
 Av. Gov Magalhães Barata, 376
 São Bráz, Belém - PA, 66040-170,
 Brasil

Reference: EvH/HL/017.0384

Date: 27 September 2017

Subject: Letter of Support

page
1/2

Dear Dr. Gabas,

We, the Directors of our institutions want to express our concern about the budget cuts your institute is being forced to endure.

In your open letter you state that the budget for the museum has been cut by 44% and that the reserves you have been able to accumulate have been depleted. We are especially worried about the preservation of your collections. The collections of Museu Goeldi are of great scientific value, not just for Brazil, but for the global scientific community as a whole. As we all know, a viable and valuable collection takes decades to build up, but can be damaged irreparably in only weeks when the climate control in the storage rooms cannot be sustained.

We hope you will find a solution to safeguard your collections and continue your important work. We wish you and your co-workers courage, wisdom and the support you deserve and need.

Yours sincerely,

Edwin van Huis, General director, Naturalis Biodiversity Center, the Netherlands

On behalf of

Josh Basseches, Director and CEO, Royal Ontario Museum, Canada

Lori Bettison-Varga, president, Natural History Museum of Los Angeles County, USA

Sir Michael Dixon, Director, The Natural History Museum, UK

Ellen Victoria Futter, President, American Museum of Natural History, USA

Peter C. Kjærgaard, Museum Director, Natural History Museum of Denmark

Naturalis
 Biodiversity
 Center

P.O. box 9517
 2300 RA Leiden
 The Netherlands

www.naturalis.nl

COC 411 695 15
 VAT NL 803595943 B01
 IBAN NL34RABO0114477000

Kirk Johnson, the Sant Director of the Smithsonian National Museum of Natural History, USA
Richard W. Lariviere, President and CEO, Field Museum of Natural History, USA
Camille Pisani, Director, Royal Belgian Institute of Natural Sciences
George Sparks, President & CEO, Denver Museum of Nature and Science, USA
Johannes Vogel, Director General, Museum für Naturkunde Berlin, Leibniz-Institute for Evolution
and Biodiversity, Germany
Katherine J. Willis, Director of Science, Royal Botanic Gardens Kew, UK

Anexo D – Programação do Abraço no Museu Goeldi, realizado no dia 17 de setembro de 2017, no Parque Zoobotânico, em Belém, e na Estação Científica Ferreira Penna, no Marajó.



17/09 (DOMINGO)

TV. 9 DE JANEIRO

ENTRE MAGALHÃES BARATA E GENTIL

7H PEDAL

SAÍDA DA DOCA (SHOPPING BOULEVARD)

8H30 DANÇAS CIRCULARES

9H30 ATRAÇÕES ARTÍSTICAS

9H ÀS 13H EXPOSIÇÕES
ESPAÇO DA CRIANÇA | ESPAÇO GOURMET
TENDA EU DEFENDO O MUSEU GOELDI

11H ABRAÇÃO EM VOLTA
DO MUSEU GOELDI

Anexo E – Peças da campanha “Defenda o Museu Goeldi com garra”, desenvolvidas pelo artista Sergio Bastos, patrocinada pelos Servidores do Fisco Estadual do Pará e doadas à Associação de Servidores do Museu Goeldi para mobilizar a sociedade e arrecadar recursos para o SOS Museu Goeldi.

